

Arte que desafia a 'Lei da selva' para sobreviver

Galeria de Nova York expõe obras de brasileiros como Adriana Varejão e Luiz Zerbini, selecionados por Tiago Carneiro da Cunha

Suzana Velasco

Como artista, Tiago Carneiro da Cunha exercita a cada dia formas de manter renovado o interesse em seu trabalho. Como curador, ele procurou artistas cujas obras lhe transmitissem a mesma ideia de frescor permanente no ateliê. Pensando em como os artistas mantêm suas obras vivas, Tiago expandiu o conceito e reuniu obras que falam da própria sobrevivência humana, na exposição "Law of the jungle" ("Lei da selva"), que a Lehmann Maupin Gallery, no Chelsea, em Nova York, abre hoje. A galeria é tomada em grande parte por brasileiros, como Luiz Zerbini, Adriana Varejão, Efrain Almeida, Marcos Chaves e o próprio Tiago, mas reúne também artistas estrangeiros, como o cubano Wilfredo Prieto e Ashley Bickerton, nascido em Barbados e radicado em Bali.

— O fio condutor da exposição é pensar nos mecanismos

que os artistas encontram para manter sua prática viva. Mas alguns trabalhos são meio apocalípticos, falam da sobrevivência da espécie — diz Tiago.

Um exemplo é a pintura geométrica de Caetano de Almeida, feita com a poluição de São

Paulo. O artista cobre partes da tela com fitas, e o restante fica exposto ao ar livre, em diferentes períodos de tempo, criando tons de cinza. Mas nem todos os trabalhos lidam diretamente com essa questão.

— O próprio jeito de se en-

tender a "Lei da selva" é ambíguo. O Marepe, por exemplo, expõe a reedição de um pôster que tem que ser distribuído gratuitamente. É estranho o trabalho não estar à venda numa galeria comercial. No fundo, isso acaba evidenciando

que, na arte, a lógica não é necessariamente a sobrevivência dos mais fortes. Por isso misturei artistas com carreiras e situações econômicas diferentes, sendo que todos compartilham essa vitalidade do trabalho.



Fotos de divulgação

A PARTIR da esquerda, obras das brasileiras Adriana Varejão e Adriana Ricardo e de Ashley Bickerton: curadoria de artista



No fim das contas, mesmo pensando no tema da sobrevivência, foi esse vigor que mantém as obras de arte vivas o que motivou Tiago, que saiu convidando artistas que admira. O britânico Malcolm Morley é uma inspiração para o brasileiro desde que ele tem 16 anos. Com Liam Gillick, Tiago trabalhou quando estudava em Londres — onde fez sua outra exposição como curador, "Non stop opening", que tinha uma abertura diferente a cada dia. Ele também trabalhou para o encenador americano Bob Wilson, que participa da mostra com uma escultura feita em colaboração com Christopher Knowles:

— É uma exposição assumidamente de artista, parcial, sem pretensão. Fiz uma seleção pessoal, misturando nomes desconhecidos com outros consagrados. Há desde a Adriana Ricardo, uma pintora autodidata que mora no Morro dos Tabajaras, até artistas medalhões. Mas todos são nomes em que me espelho. ■